

CAPÍTULO 2

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA LEITURA

Jussara Marques Barreto

Mestranda em Educação

Institute Theology Science – Flórida USA

E-mail: jussarambarreto80@gmail.com



RESUMO

Na contemporaneidade, a leitura e a escrita ganham importância significativa na vida do indivíduo. Ambas proporcionam a inserção social através do acesso à informação, do desenvolvimento da criticidade, da criatividade e da ampliação de vocabulário. Esses aspectos contribuem para a ampliação da discussão sobre a importância da leitura na construção da identidade do indivíduo, além de elucidar a promoção do entendimento da realidade. Esta leitura tem como objetivo explicitar o conceito de alfabetização, ressaltando a formação do leitor e as funções da leitura, bem como as contribuições para as práticas pedagógicas que envolvem o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Leitura.

ABSTRACT

In contemporary times, reading and writing gain significant importance in the life of the individual. Both provide social insertion through access to information, the development of criticality, creativity and the expansion of vocabulary. These aspects contribute to the expansion of the discussion about the importance of reading in the construction of the individual's identity, in addition to elucidating the promotion of an understanding of reality. This reading aims to explain the concept of literacy, emphasizing the formation of the reader and the functions of reading, as well as the contributions to pedagogical practices that involve the development of reading and writing.

Keywords: Literacy. literacy. Reading.

LER, HOJE E SEMPRE: ALGUMAS ENTRADAS

Ler um texto é corroborar ou não com uma situação discursiva. Trata-se de uma condição que se inicia no momento em que se toma nas mãos, por exemplo, um livro, observa-se a capa, as ilustrações, as cores, o título, as primeiras páginas, o sumário. Esse enlace de informações paratextuais compõem uma teia de informações que produzem o sentido do texto - a leitura.

Conjecturar sobre o que é leitura numa ótica da percepção textual, das relações semânticas, semióticas, e dos multiletramentos como processo de apreensão/compreensão de determinados códigos como a linguagem. O código pode ser visual, auditivo e inclusive tátil, como o sistema Braille. Convém destacar que nem todos os tipos de leitura se apoiam no código linguístico - o alfabeto - , é o caso, por exemplo, dos pictogramas ou ainda das partituras de música.

Como processos principais da alfabetização, ler e escrever compõem o quadro sistemático da formação do indivíduo. Essa concepção central da discussão abrange elementos importantes que refletem na completude da construção de sentidos. A interpretação e compreensão dos signos associa-se, então, a uma relação de transmissão de conhecimentos.

Os indivíduos comunicam-se e informam-se por meio da linguagem. Tal condição é uma necessidade básica do homem social, pois os padrões de vida, a diversidade cultural e multiplicidade semiótica estão envolvidas na construção de sentidos. Dessa forma, o letramento é um processo que permite a inserção do sujeito na sociedade, que por meio da linguagem, constituiu-se e desenvolveu-se mediante a interação, a comunicação e a atuação sobre o meio.

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora,

como Libras e a escrita), corporal, visual, sonora e digital (BRASIL, 2018). A linguagem é um recurso dinâmico e de representação, trata-se de uma prática sociocultural que permite atuar sobre o meio e produzir significados, transformando a sociedade por meio da leitura e escrita. Assim, como ato de interação dialógica, os recursos linguísticos operacionalizam a vida social diante da multiplicidade de possibilidades discursivas.

LEITURA(S), JANELA PARA MUNDOS

Como pensar o conceito de escola sem considerar a relevância pedagógica e simbólica do aprendizado da leitura e da escrita? Como compreender a educação moderna sem conceber a habilidade da leitura como requisito de um repertório intrínseco à própria constituição da modernidade?

[*Mortatti, 2011*]

A prática de criar políticas públicas que visem ajustar e erradicar o analfabetismo no Brasil não é um processo novo. Diante do quadro de fracasso escolar que perdura no país, por uma série de problemas sociais e políticos que se solidificaram ao longo do tempo, consolidou-se uma grande classe, a de não letrados. Perante os fatores políticos e sociais que envolvem questões tais como, estrutura física inadequada, dificuldade de acesso às escolas, má formação e desvalorização docente, alto índice de evasão, programas sem sucesso, ratifica-se o malogro educacional.

Segundo Costin (2012), a leitura é uma janela para o mundo: permite-nos viver vidas alternativas, fugir da prisão tempo-espaço e ter acesso ao desconhecido. Ao discorrer sobre a leitura, pressupõe-se não apenas a decifração de um código escrito. Sob a ótica da percepção do texto, da compreensão, a leitura é mais abrangente, transborda sentidos para além do que está escrito. Ademais, a construção de significados e as analogias cir-

cundantes revelam peculiaridades entre indivíduos, grupos sociais e entre as várias culturas.

O simples ato de ler encontra-se imbricado ao educando que prioriza a interpretação de textos. Essa curvatura se condiciona a funções elementares como pesquisas, histórias do mundo íntimo, direcionamento escolar ou familiar, sem o aprofundamento crítico que permite conceber o texto de forma plurissignificativa. A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem, portanto tem dimensão social e cultural, provoca, enriquece e encaminha a reflexão.

[...] concebemos a leitura como uma relação dialética entre interlocutores, que pressupõe a interação entre texto e leitor e não um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos. O ensino da compreensão de texto é, portanto, um processo em espiral no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do sentido do texto pela ativação de diferentes esquemas (BRASILb, 2012, p. 10).

Ler e escrever são processos constituintes técnicos da alfabetização dos indivíduos. Geralmente, a condução é feita de forma concomitante tornando-se indissociáveis dos usos da língua escrita. Por conseguinte, dialeticamente, são entendidos como práticas sociais e como construções dos atores sociais em seus contextos de interação.

É pertinente ressaltar que a escola é o eixo mediador na formação de leitores. Como responsável pela formação sistemática do indivíduo, é preciso conhecer as práticas, possibilidades e potencialidades de leitura com as quais a criança interage em seu meio social e familiar. Sobre isso, Pausas (2004, p. 23-24) discorre a seguinte reflexão:

Levar em conta os conhecimentos prévios dos meninos e meninas. Começar onde se encontra [...] o processo de aprendizagem de leitura

ra e da escrita por parte da criança começa antes de entrar na escola. A presença da escrita é constante no meio físico e social que nos rodeia (rua, família...) e nosso trabalho deve possibilitar um padrão comunicativo em que os alunos mostrem conhecer o que sabem.

As práticas pedagógicas direcionadas à leitura e escrita devem ser planejadas a partir das referências sociais. Numa proposta de priorizar as diferentes realidades em que vivem as crianças para assim atribuir sentido ao processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, planejar e organizar uma rotina voltada para reflexão constante sobre a prática da leitura e da escrita, propõem situações de aprendizagem significativas para o desenvolvimento da alfabetização.

Ao analisar a leitura, parece que se faz referência a algo subjetivo; no entanto, uma das características dela é permitir ao indivíduo o acesso às informações e ao conhecimento produzido no mundo. Neste contexto, é que perpassa a reflexão de Paulo Freire, quando cita a leitura de mundo antes da leitura da palavra, o que se completa e se efetiva quando o sujeito adquire a leitura da palavra.

Sobre os aspectos da leitura, Martins (2006) ressalta que ela é uma experiência individual e que pode ser caracterizada como uma decodificação de signos linguísticos. Esse processo de decifração, captação e compreensão é mais abrangente, permitindo a atribuição de significados aos sinais. Nesse sentido, afirma que a leitura se consolida na relação dialógica entre leitor e objeto lido.

O mundo das práticas de vida é o mundo das linguagens, dos vários discursos que perpassam as múltiplas ações e reações na vida cotidiana. Acessíveis e ao mesmo tempo aprisionadas nos constantes diálogos realizados em diferentes esferas da existência social, as linguagens são reveladoras de marcas culturais e das mudanças empreendidas no eixo da história. Mesmo com as mudanças nos fatores tecnológicos e econômicos, a sociedade tem em seu

cerne a comunicação a transitar o cotidiano, que ao mesmo tempo envolvemo homem como sujeito e objeto social.

As habilidades e a capacidade leitora constituem elementos essenciais para o desenvolvimento do intelecto, e abarca aspectos neurológicos, naturais, econômicos e políticos. Através das ações que rodeiam a leitura, o sujeito realiza uma atividade de interpretação que o leva a elaborar concordâncias, análises, críticas, novas ideias em suas práticas cotidianas. Por este entendimento, um dos pontos principais em torno do qual repousa a questão do entendimento e interpretabilidade localiza-se na escrita, no registro efetivo das linguagens e em seu objetivo principal, a leitura, pois a intenção fundamental da escrita é a leitura, pois

[...] o texto literário abre as portas da imaginação e da reflexão e, de forma lúdica, traz para o leitor conhecimentos sobre História, Filosofia, Religião, Geografia, Ciência; ou seja, traz o mundo inteiro ao leitor, permitindo que ele se transforme por meio do ato de ler. Lembremos Barthes: a literatura é fundamental, a única (in) disciplina que não pode desaparecer do currículo, porque abre portas para muitas outras. (VERSIANI, 2012, p. 25)

Para Versiani, a leitura proporciona trilhar universos amplos do conhecimento, a consequência maior do aprendizado da leitura reside na ampliação dos horizontes de mundo e da capacidade neurológica de pensar (VERSIANI, 2012, p.13). Diante da primazia dada ao código, ao espaço e aos múltiplos recursos linguísticos, que se evidenciam mudanças pragmáticas no processo de escolarização. Esses percursos destacam-se pela variedade de elementos semióticos e arranjos visuais que permeiam os textos, conduzindo, assim novas práticas cognitivas de leitura que visam a formação pela leitura / letramento. Nesse sentido,

A leitura é, pois, instrumento para tornar-nos efetivamente humanos, mais que racionais, uma vez que a sensibilidade animal e vegetal que nos habita também precisa de refinamento e apuro. Para tanto, não

se requer uma dimensão religiosa ou mística do mundo e da pessoa. O que se demanda é coerência com a logicidade eleita pelo leitor e, por isso mesmo, o assumir-se como autor, seguro de uma “autoridade” que lhe permita escrever e subscrever um texto, uma leitura, uma resposta a situações de vida, ficcionais ou não (VERSIANI, 2012, p. 13-14).

Essa “autoridade” citada no fragmento acima decorre da compreensão da apropriação do texto, da relação que o leitor estabelece com a captação das informações. A correspondência estabelecida com o texto permite a transformação, a análise, a criticidade, a ludicidade, que perpassam a entrelinhas e ganham vida através da leitura, do leitor. Com base nisso, é possível considerar o ensino da competência linguística com alicerce na extração de sentidos e na primazia da construção e elaboração de significação face ao texto.

LEITURA: CONCEPÇÕES SEMIÓTICAS

Mas leio, leio. Em filosofias tropeço e caio, cavalgo de novo meu verde livro, em cavalarias me perco, medievo; em contos, poemas me vejo viver. como te devoro, verde pastagem. Ou antes carruagem de fugir de mim e me trazer de volta à casa a qualquer hora num fechar de páginas?

[Drummond]

Ao pensar em leitura, a associação imediata que se faz é a simples decodificação do código escrito. Sob forma primitiva é esse o ponto inicial, que se moldará ao longo da vida acadêmica, sob forma de conhecimento. No entanto, Freire (2011) considera que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Sob essa perspectiva, decifrar o código gráfico é apenas uma das etapas que são concebidas por meio da leitura.

Ler é o meio principal para a aquisição do conhecimento, contudo não está reduzido apenas à decodificação simbólica. A correspondência e a interação que permeiam esse campo, extra-

polam o universo linguístico do texto. Como fator que possibilita a interação, o entendimento e a inserção no mundo, a leitura além de promovera reflexão, contribui, assim, para a formação de um leitor crítico.

Segundo Affonso Romano de Sant’ Anna (2011), em seu texto “Ler o mundo”, tudo é leitura. É nesse sentido que permeiam as várias facetas da leitura, que não é pura decodificação, e sim, decifração. Sem dúvida, usualmente o ato de ler está associado à escrita, porém a leitura está presente também na sintonia com outro, com os objetos, com o mundo, tudo o que possui significado e se estrutura num discurso é leitura. Leem-se as nuvens, as placas, um quadro, uma escultura, alguém, um gesto... tudo é leitura.

A forma como se interpreta um conjunto de informações que podem estar dispostas em linguagens diferentes como a não verbal, a imagética, as placas de trânsito, o comportamento humano, bem como outros portadores textuais, são maneiras de ler. O ato da leitura não corresponde unicamente ao entendimento do mundo textual verbal, a leitura carece da mobilização do universo do conhecimento para atualizar o universo do texto. É necessário que a compreensão entre símbolos – significantes – e suas representatividades – significados – sejam estabelecidas para que as significações façam sentido na vida.

Como manifestação artística, a leitura é um elemento de caráter criativo, inovador e transformar. Componente essencial que encadeia a construção do significado e a atribuição de sentido mediante os diversos paratextos que possibilitam a edificação de acepções. Ler, portanto, é um processo criativo no qual o conhecimento adquirido é utilizado como meio de troca com intuito de colher novas informações, novos enfoques, objetivando a reestrutura da cosmovisão.

Nada é estático, nada é absoluto, as verdades constroem-se e reconstroem-se a longo da vida, através das leituras que são fei-

tas. Conforme Affonso Romano de Sant' Anna cita no início de seu texto “*Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não. Depende de quem lê.*” O ato de leitura é individual, porém não está vinculado somente ao que está escrito, está nas entrelinhas, no que pode ser lido, mas não pode ser visto. Portanto, leitura é a arte de entender e de estar no mundo.

LETRAMENTOS E APRENDIZAGENS

Inicia-se a discussão desse tópico com as emblemáticas concepções trazidas por Vygotsky e Piaget, que apontaram a aprendizagem como um processo de relação interativa entre sujeito e cultura. Na abordagem piagetiana o conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto que se constrói na interação do homem/meio, sujeito / objeto. A teoria de Vygotsky, o foco do desenvolvimento humano se faz na e pela linguagem, relacionando a apropriação do saber às comunidades em que o sujeito está inserido. De acordo com esses conceitos, pode-se considerar que os processos cognitivos de elaboração são dados como individuais, Apesar de a aprendizagem ocorrer na interação, há sempre um contexto precedente que motiva e conduz essa aprendizagem.

Nesse contexto de condicionamentos de possibilidades efetivas de aprendizagem, configura-se o entendimento que possibilita a análise das variáveis frente ao desenvolvimento do indivíduo. Não só o professor, nem só a escola, são os meios efetivos do desenvolvimento, embora estes sejam agentes privilegiados pela sistemática pedagogicamente planejada, objetivos e intencionalidade assumida, o que se aprende está associado as experiências vivenciadas.

É nesse sentido, das interações sociais relevantes, que o termo letramento surgiu na segunda metade dos anos 1980, e desde

então provoca inquietude a respeito de suas peculiaridades e formas de aplicação. Magda Soares (2018) definiu letramento como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Também abarcado como um fenômeno mais amplo, o letramento, excede as esferas da escola. Segundo Kleiman (2008), pode-se defini-lo como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como um sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Assim, a autora ressalta os aspectos social e prático do letramento:

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 2008, p. 19).

Para Kleiman, diante da perspectiva do letramento, a escola enfatiza apenas algumas práticas relacionadas à escrita e ao uso da escrita, de forma que não contempla as práticas vivenciadas em socialmente fora da escola. Nesse sentido, Kleiman (2008, p. 20) afirma que o [...] fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita desta forma, letramento seria um conjunto de práticas com objetivos específicos e em contextos específicos, que envolvem a escrita. A escola, por sua vez, seria apenas uma mediadora do letramento, dentre várias outras, e realizaria apenas algumas práticas desse processo.

É facilmente perceptível que a escrita exerce um papel de extrema importância social, uma vez que tudo se organiza em

torno dela. Assim sendo, o letramento perpassa o campo das relações que se estabelecem entre texto, contexto e escrita, fato que influencia a relação do sujeito com a sociedade e do sujeito com outros sujeitos. De acordo com Mortatti (2004, p.98), o conceito de letramento está interligado às funções da língua escrita em sociedades letradas:

Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Tentar compreender o que seja de fato o letramento através das diversas pesquisas de linguistas renomados é um dos caminhos que a educação atual perpassa. O surgimento da palavra está relacionado ao contexto que suscitou grandes discussões na década de 1980, as altas taxas de repetência e analfabetismo no Brasil. Ferreiro e Teberosky (1999) ao alvitarem uma nova perspectiva sobre o processo que a criança cursa para aprender a ler e a escrever, contribuíram muito para a reflexão sobre a problemática da alfabetização, bem como sobre a forma como os educadores desenvolvem o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois

há uma ligação simbólica entre o sentido da palavra e os sons componentes da palavra falada, e uma segunda ligação simbólica entre os sons dessa palavra falada e as letras como que a palavra é escrita (LEMLE, 2006, p. 11).

Mirian Lemle (2006) ressalta as questões simbólicas que competem ao processo de alfabetização e, que, de forma direta interferem no letramento. Há situações distintas como decodificar o código, compreender o significado e relacionar o código escrito

aos sons. Se o letramento entende a função social do texto, logo da escrita, pressupõe-se que o indivíduo possa ser letrado e não alfabetizado, pois pode dominar a leitura, e não escrever devidamente. Contudo, mais que opor os conceitos de alfabetização e letramento, Soares (1998) destaca o valor qualitativo que o conjunto de práticas sociais, alfabetização e letramento, representam para o sujeito, extrapolando a dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (RIBEIRO, 2003, p. 91).

O efetivo uso da escrita corrobora ao indivíduo uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, garantindo um estado além do conquistado por aquele que apenas domina o código. Soares (1998) infere que integrar informações, interpretar, divertir-se, sistematizar, confrontar, induzir, informar, documentar, orientar, reivindicar, são ações provenientes das habilidades leitoras, da capacidade de transmissão de significado de forma adequada a um leitor potencial.

Ler e escrever compreendem um universo de possibilidades, não apenas o conhecimento das letras e o modo de decodificá-las. Deve-se considerar as questões emergentes atuais, o jogo das subjetivações, o acesso rápido à informação, o individualismo acentuado e o discurso opiniático. Diante disso, compreender o benefício das variadas formas de expressão e comunicação possíveis, reconhecidas e necessárias em um determinado contexto cultural.

O cultivo dos hábitos de leitura escrita que respondem aos apelos da cultura grafocêntrica, permite a inserção social com base

na criticidade. Nessa perspectiva, a aprendizagem da língua escrita deixa de ser uma questão estritamente pedagógica para alçar-se à esfera política. Conforme Ferreiro (2001) a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário. Assim, os ambientes sociais são constituídos em torno da escrita, nas mais variadas mídias, evidentemente, pelo que representa o investimento na formação humana, o domínio desse universo acaba sendo fator fundamental para a inserção social.

[...] é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, necessariamente, textos escritos em qualquer lugar (em seus brinquedos, nos cartazes publicitários ou nas placas informativas, na sua roupa, na TV, etc.) não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Segundo as autoras, há um contraste entre as possibilidades que a escola proporciona e as que a vida social evidencia. Na citação acima, também é possível ressaltar que elas se posicionam contrárias à utilização de mecanismos artificiais no processo de alfabetização, defendendo o uso de textos reais, que façam parte do contexto das crianças e que possam propiciar aprendizagens significativas. Nesse contexto de dissonâncias, a escola se configura como um espaço de conflitos, visto a diversidade subjetiva também a distinção de realidades.

Os padrões de nivelamento instituídos são hiatos diante das relações sociais, pois a hegemonia não se constitui como um processo legítimo socialmente, já que a grande parte dos sujeitos não consegue associar os saberes da escola como os saberes da vida. Sobre esse distanciamento, Soares (2004, p.57), argumenta a respeito como o seguinte posicionamento:

Ao pensarmos em alfabetização e cidadania, é preciso, aqui também, de novo, fugir a uma interpretação linear desses dois termos, atribuindo-lhes uma relação causa-consequência, em que a constru-

ção da cidadania seja vista como dependente da alfabetização; esta deve ser entendida como um componente, entre muitos outros, da conquista, pela população, de seus direitos sociais, civis e políticos.

É necessário que os aprendizados sejam processos precursores do desenvolvimento da capacidade crítica e da autonomia, para que se construa uma sociedade democrática, que permita ao indivíduo o direito de acesso à leitura e a escrita. Sendo assim, a alfabetização é um processo que contribui para a formação e conquista da cidadania.

Sob uma visão ampla, é possível indicar que letramento e alfabetização são processos indissociáveis. Embora a conceituação seja distinta, estão conectados pela supremacia linguística. Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, de decodificar os elementos circundantes da escrita; letrar pressupõe que o indivíduo tenha habilidades com leitura e escrita, que tenha destreza em práticas discursivas, é um outro estado, uma condição ampla em que o sujeito faz uso social da língua, relaciona contextos semióticos e semânticos, mas que associa-se diretamente ao processo alfabetizador, pois

ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar-se, para interagir com outros, para interagir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoiar a memória, para catarse; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidade de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2004, p. 92).

Assim, o letramento está relacionado com o uso da tecnologia da escrita, como ressaltou Soares (2004), num processo so-

cial que perpassa pela compreensão das habilidades do processo de leitura e da escrita para uma aprendizagem significativa. Aliar o letramento à alfabetização possibilitará ao indivíduo o acesso a diversas capacidades habilidades fundamentais para que se aproprie e se desenvolva com coerência nas práticas de leitura e escrita. A união desses processos pode interferir positivamente na formação, pois permitirá ir além do registro automático da escrita e da leitura, consentirá a compreensão e a produção de conhecimentos favoráveis socialmente como cidadão, fazendo uso da escrita e apropriando-se das diversas práticas sociais. O ideal é que se alfabetize letrando.

A indissociabilidade entre letramento e alfabetização se concentra no cerne do conceito do Letramento que, efetivamente, corresponde ao uso da linguagem em experiências reais de práticas sociais de leitura e escrita. Kleiman (2007) destaca que “os estudos do letramento partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”. Nesse sentido, o letramento corresponde à função legítima de uso da língua e de seus recursos semânticos e semióticos.

Sob essa ótica, para além da alfabetização, o letramento cumpre a função de conexão entre saberes linguísticos e culturais associados às práticas e à interação. De acordo com Street (2012), o letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades funcionais, com grande parte da escolarização moderna e muitas agências de letramento o representam, mas um conjunto de práticas sociais profundamente associadas à identidade e posição social. Dessa forma, a abordagem do letramento permite a construção de sentidos sobre os mais variados usos da linguagem que coexistem nas diversas práticas sociais.

Freire (1991) cita que a consciência crítica do sujeito para a sua emancipação se configura na educação. Muito além de ler e es-

crever, é necessário que os indivíduos sejam capazes de problematizar sua realidade e posicionar-se criticamente. Assim, a prática pedagógica, é o elemento fundamental que potencializa a transformação político-social e a democratização.

Nesse contexto, torna-se vital a necessidade de entendimento do mundo, das tecnologias vigentes, das mudanças que abarcam as ações sociais e contribuem para o desenvolvimento social dos indivíduos. Ademais, permeando o universo da linguagem, o multiletramento se estabelece como um aspecto da comunicação e suas representações contemporâneas, bem como uma variação de significados das diferentes vertentes da vida – cultural, social, política, literária, filosófica – que resultam das peculiaridades dos novos meios de informação e comunicação.

A pensar no multiletramento sob os aspectos da língua, refere-se às diversas variedades linguísticas que se tornam cada vez mais relevantes para a interação dos indivíduos nos variados contextos sociais. As condições sociolinguísticas exigem aptidão para além da comunicação tradicional, pois os fatores como: cultura, classe social, gênero, experiência de vida, campo de trabalho, assunto ou disciplina acadêmica, estabelecem relações dialógicas sociais distintas.

Outro ponto que ganha espaço é o aspecto multimodal que atualmente se configura como uma nova acepção da linguagem que não se dá apenas pela escrita. Embora, tradicionalmente, a escrita seja a linguagem de maior prestígio, há tempos que outros meios se constituem socialmente como valorosos e viáveis. As tecnologias digitais têm ganhado cada vez mais espaço e por isso é necessário ampliar a pedagogia de letramento, para que esta não privilegie unicamente as representações escritas, mas sim, busque uma formação que vá além.

OS GÊNEROS TEXTUAIS: SUBJETIVIDADE, CONTEXTUALIZAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CÓDIGO

Para concretizar práticas de letramento é indispensável conhecer os gêneros do discurso. Toda produção textual pertence a um determinado gênero, dessa forma, o ensinados gêneros é um poderoso instrumento para promover o letramento. A pensar em estudos de linguagens, os gêneros textuais talvez sejam um dos elementos que melhor representam a intertextualidade entre as áreas do conhecimento e fenômenos socioculturais cognitivos e linguísticos.

A palavra gênero está associada a caracterização visando diferenças. Tal sentido está, originalmente, ligado à tradição da Antiguidade, na Grécia Antiga, no campo da Literatura, o termo gênero vincula-se a distinção entre três modalidades de mimesis: a tragédia, a épica e a lírica. Esse apanágio firmou-se com Aristóteles que sistematizou uma teoria de gêneros e da natureza do discurso, na qual há uma estrita relação entre autor, ouvinte e gênero.

No século XX, o termo gênero segue com seu aspecto caracterizador distintivo. Referenciado aos gêneros textuais, adquiriu forma ampla e valiosa, tornou-se um conceitoteórico de amplo valor na área da Linguística Textual. Numa perspectiva dialógica, apontando para acepções que envolvem o discurso, o texto, o contexto e a intenção, num conjunto de representações sociais, culturais e cognitivas, os gêneros textuais se constituem como a materialização das funções comunicativas da linguagem.

O conceito gêneros do discurso, conforme a concepção dialógica da linguagem, baseado em Bakhtin (2003), prenuncia a noção de que todo enunciado tem em comum o fato se refere a um sujeito, a fonte enunciativa regida por normas. Segundo o autor, os gêneros do discurso são tipos, relativamente, estáveis de enunciados orais e escritos que organizam a nossa fala da mesma

maneira que organizam as formas gramaticais e ainda destaca que a heterogeneidade dos gêneros do discurso abrange desde um relato do dia a dia até um documento oficial. “A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 2003). Os gêneros do discurso estão, intimamente, relacionados à comunicação verbal, pois ao elaborar um diálogo, uma enunciação cria-se também a intenção baseada em normas e regras, que de certa forma, atendem a um determinado gênero. Assim, o repertório discursivo dos falantes tem como parte integrante os gêneros que compõem o eixo de compreensão da intenção, tendo em vista que:

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nosso discurso às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume [...], uma determinada estrutura composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala (BAKHTIN, 2003, p. 302).

O gênero do discurso estabelece uma relação direta com os aspectos sociais de comunicação. Dessa forma, torna-se um elemento importante para o letramento, visto que, quando mais gêneros do discurso forem dominados, mais conhecimento sobre as diversas práticas de leitura e escrita os indivíduos terão, participando, assim, de diversos eventos do letramento. A prática efetiva do letramento perpassa pelo conhecimento e acesso às diversas práticas de leitura e escrita que resultam no conhecimento de ler e produzir diferentes textos, de gêneros diversos interagindo de forma prazerosa e crítica.

No percurso dessa prática diversificada de leitura e escrita, desenvolver-se-á a capacidade de ler. Numa perspectiva de sentindo mais completo, que tem como eixo a abstração do significa-

do, da análise e da crítica, as relações linguísticas se estabelecem através da decodificação, da compreensão, da interpretação, e da retenção. Desse modo, haverá um nível de letramento que possibilite a formação integral do leitor, para além de um decifrador de sinais, mas que mobilize conhecimentos visando dar coerência ao texto e, conseqüentemente, a vida, pois

trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciadados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem [...] Assim, os gêneros enquanto formas historicamente cristalizadas nas práticas sociais, fazem a mediação entre a prática social, ela própria e as atividades de linguagem dos indivíduos. (ROJO, 2002, p. 6).

De acordo com Rojo, a prática de uma linguagem está conectada a um gênero. Os locutores sempre adotam um evento comunicativo em consonância a um modelo comum, como uma representação que determina as expectativas de uma comunidade linguística. Na rotina escolar, as práticas de linguagem associadas aos gêneros perpassam pela convivência com histórias, parlendas, listas, poesias, num processo de apropriação das diferentes linguagens. Essa relação com o texto, portanto, permite à criança a ampliação do conhecimento com a aquisição da base alfabética e de assimilação da linguagem e seus diferentes usos.

A partir das experiências vivenciadas, o interesse pela escrita é aguçado, levando a compreensão de alguns conceitos do código escrito, tanto na escola, quanto fora dela. A exemplo disso, pode-se citar o reconhecimento do nome da história ou de uma placa de algum comércio que apresentam as mesmas letras do seu nome. Ao desenvolver uma prática voltada para o trabalho com gêneros textuais diversificados, é propiciado à criança conhecer suas diferentes funções e características, partindo dos mais comuns do seu dia a dia, como um bilhete, contos de fadas, até outros mais

complexos como contas de energia ou bula de remédio, que apresentam uma linguagem mais específica.

Bakhtin (2003) salienta que os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados constituídos historicamente e que mantêm uma relação direta com a dimensão social. Estão estruturados, a partir da dialogicidade, da natureza sócio-histórica e ideológica, tendo como centralizador o meio social que de certa forma exerce uma força direcional sobre o indivíduo e suas estruturas dialógicas. Faraco (1999) relata que o homem se constitui na e pela interação, sempre em meio a uma complexa rede de relações sociais, das quais participa permanentemente.

Nesse sentido, a língua é entendida como interação verbal uma situação comunicativa que envolve indivíduos em torno de um enunciado que precisa ser compreendido. A língua com função social e real de comunicação se estrutura em virtude de um destinatário, não há neutralidade na linguagem. A concepção de Bakhtiniana é a de que a palavra não apresenta apenas uma condição típica, mas também uma expressão individual que vincula a troca e a incorporação de discursos.

Nesse sentido, os gêneros textuais, compõem o quadro dos enunciados com funções sociais, diretivos a espera de um destinatário que interaja. Didaticamente falando, eles possuem características distintas e cumprem uma cátedra social baseados no tipo de assunto que é abordado, quem está falando e para quem é destinado; enfim, suas características são baseadas na sua finalidade, visando atender a uma demanda, uma necessidade de comunicação. Dessa forma, os gêneros textuais corroboram um universo linguístico resultante do uso comunicativo da língua em sua realização dialógica.

Diante disso, é importante ressaltar que o mundo contemporâneo pode ser considerado o universo das linguagens. Há muitas formas, jeitos e maneiras de estabelecer comunicação, de passar

uma informação de interagir com o mundo e agir sobre ele. Sendo assim, a relação dialógica estabelecida, o destaque também recai, segundo Rojo (2012) para uma das principais características dos novos (hiper) textos e (multi) letramentos é que eles são interativos, em vários níveis - na interface, das ferramentas, nos espaços emrede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.

Essa multimodalidade não está associada somente ao desenvolvimento tecnológico, mas sobretudo à variedade de culturas em que o indivíduo está inserido. Diante da múltipla cultural das populações e das variedades semióticas da compleição dos textos os quais se informa e se comunica são necessários novos multiletramentos. Ademais, é importante conduzir a aprendizagem por um vies significativo que esteja conectado às novas configurações apresentadas no mundo contemporâneo globalizado.

Visto que o Letramento tem a função social em seu cerne, o multiletramento é uma prática que exige e incentiva a autonomia frente aos contextos de interação e inserção social. Perpassando por esse encadeamento de ideais, o desenvolvimento de práticas que contemplem a multiplicidade de gêneros, mídias e semiose direcionada à compreensão e produção escrita em diferentes linguagens e acepções deve se constituir nas diversas áreas do conhecimento, como a artística, científica, literária, filosófica e tecnológico. Ademais práticas que envolvem a leitura se voltam para as exigências que a sociedade contemporânea impõe.

Marcuschi (2005) destaca que o letramento tecnológico ou digital vai além da simples reprodução de textos no ambiente virtual. Diante do surgimento das novas tecnologias de escrita, modificam-se alguns aspectos de textualização e em virtude desse novo modelo textual, desse novo ambiente textual, de novas formas de uso e de manifestação linguística, perpetua-se socialmente. Assim, o multiletramento corrobora uma prática de suma importância para a formação cidadã.

Há inúmeros gêneros textuais que podem ser apresentados às crianças, como biografia, notícia, currículo, diário. Os instrucionais também mantêm seu destaque, como manual de instruções, que pode ser de um brinquedo ou jogo, ou instruções de uma brincadeira, suas regras etc. Alguns gêneros textuais permitem um enlace de conhecimentos como por exemplo, a receita. Ao trabalhar com esse gênero textual, por exemplo, é possível aprender sobre alimentação, tempo, números e quantidades, compreendendo as características do texto que apresenta as ações a serem seguidas. Para as crianças é uma atividade estimulante e prazerosa por proporcionar a vivência concretada situação prática e percepção de forma palpável a função social desse gênero.

No que se refere à prática pedagógica ancorada nos estudos sobre gêneros textuais, Schenewly e Dolz (1996) GOMES (2013) afirmam que somente uma proposta de ensino-aprendizagem organizada a partir da teoria de gêneros textuais permite ao docente a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos. As intervenções didáticas, bem como as orientações mais precisas, acontecerão antes e durante a realização da proposta. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e uma maneira de dominá-las progressivamente, pois

considerando que o discurso se materializa no texto, cujo plano estrutural assume uma dada configuração em virtude de uma correlação entre os elementos de sua organização e suas condições de produção, podem-se, especificando um pouco mais essa noção, tratar os tipos textuais como modos enunciativos de organização de discurso no texto, efetivados por operações textualmente discursivas [...] (SILVA, 1999, p.100 - 101).

A própria estrutura dos gêneros textuais é variada, podendo sofrer alterações de acordo com as mudanças sociais. A carta, hoje não tão comum como antigamente, deu lugar ao *e-mail*, porém suas

características mais marcantes se mantiveram, assim como a sua função. Marcuschi (2008) chama atenção para o fato de que essa distinção entre gênero e tipo textual não se configura como uma visão dicotômica dos conceitos. Conforme o pensamento de Bakhtin, Marcuschi (2008) destaca que a noção de gênero textual perpassa pelo trato sócio interativo da produção linguística. Uma vez que ambos os aspectos são constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas cotidianas, infere que toda manifestação verbal ocorre por meio da materialização de algum gênero textual.

Acerca desse contexto, instigam discussões referentes aos diversos aspectos do funcionamento dos gêneros textuais, sobretudo nas especificidades didáticas que inferem modificações nas práticas pedagógicas no ensino da leitura. Tais modificações abarcam uma concepção de leitura numa perspectiva semiótico-discursiva. Neste sentido, o letramento, que discorre o trabalho com gêneros textuais, configure-se como uma prática que objetiva o ensino da língua viva, dinâmica, ressaltando o uso que dela fazem, seu caráter dialógico, seus significados e símbolos.

Segundo Soares (1998), há que se identificar no conceito de letramento as dimensões social e individual. A dimensão individual relaciona-se com as habilidades individuais, presentes na leitura e na escrita, envolvendo, desde o domínio do código até a construção do significado de um texto. Já na dimensão social, letramento é um fenômeno cultural referente a um conjunto de atividades sociais que demandam o uso da escrita.

CENAS FINAIS: LETRAMENTO E ESCOLA

Frente às novas mudanças sociais, às inovações pedagógicas e às transformações do mundo contemporâneo, as práticas pedagógicas não podem dissociar escolarização, alfabetização e letramento.

A importância desse processo de formação corrobora como método de iniciação à leitura e à escrita e estabelece um elo com o letramento que compreende a formação leitora com função social. Assim, um procedimento que aparente ser algo singular à metodologia escolar, se ratifica como elemento imperativo à inserção social.

O discurso da importância do uso e das funções da escrita são elencados como fundamentais ao desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita na escola. Para tanto há uma proposta de associação da alfabetização e do letramento, buscando concretizar o processo de aquisição e apropriação da língua de forma efetiva. Sobre isso, Magda Soares destaca que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p. 47).

Nesse sentido, pretendeu-se salientar questões referentes à alfabetização, numa perspectiva de associação da alfabetização e do letramento. Tendo em vista que o mundo contemporâneo emerge novas práticas que envolvem além da escrita tradicional, questões voltadas para a semiótica. Infere-se que as práticas pedagógicas, uma formação mais consistente que possibilite a interação com o mundo letrado e que supere a simples decodificação do código é um percurso necessário à formação do indivíduo.

Numa abordagem que permeou os aspectos voltados para a leitura, a expectativa foi promover uma reflexão acerca da importância da formação do sujeito com vistas à dominar os processos dialógicos da linguagem. Diante de práticas sociais de leitura e de escrita presentes na sociedade, cabe à escola, como ambiente responsável pela formação, proporcionar esse acesso e conhecimento. As exigências do mundo moderno, como, por exemplo, a ascensão tecnológica, tornou-se imperativa às novas demandas sociais,

que a escola, proporcione um ambiente de aprendizado direcionado ao multiletramento.

Perante a realidade, é possível verificar, que muitas crianças são alfabetizadas, decodificam o código, porém não compreendem o que leem. Essa realidade determina muitos fracassos e desistências no caminho escolar. Cabe à escola propiciar às crianças o acesso às práticas sociais de leitura, a situações sócio discursivas consolidadas. Numa perspectiva contemporânea, a linguagem representa um universo de possibilidade semiótica, sob forma dos mais variados gêneros textuais, nesse contexto é imprescindível que as crianças sejam inseridas no mundo (multi)letrado, para que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita, que compreendam o texto, seus significados, seus objetivos e que possa além de entendê-lo, possam utilizá-lo.

Portanto, é essencial que haja discussões sobre esse tema, pois alfabetização e letramento não são conceitos permanentes. Por serem processos mutáveis, que estão em consonância com as transformações do meio social, que se ampliam para o universo dos gêneros textuais, do multiletramento – digital, tecnológico, artístico - a proposta da pesquisa é instigar a reflexão diante das práticas pedagógicas diárias. Há necessidade de uma postura interativa de ensino da língua e, antes de tudo, de ancorar-se numa prática que considere o uso e o funcionamento discursivo da linguagem em contextos reais e diversificados, visando, sobretudo, corroborar ao aluno habilidades e competências para a vida social e profissional, para o pleno exercício da cidadania, para a utilização de recursos dialógicos e tecnológicos numa relação indissolúvel entre Educação, Alfabetização, Letramento e Práticas Sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. b. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/> >. Acesso em: 21 abril. 2016.

FARACO, Carlos A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O momento atual é interessante porque põe a escola em crise**. Entrevista concedida à Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, Out. 2006. Disponível em http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao_inicial/momento-atual_423395.shtml>. Acesso em: 10 janeiro. 2022.

_____. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

_____, P. **Educação e Mudança**. 18ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os signifi-**

cados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KLEIMAN, Â. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna.** Signo. Santa Cruz do Sul, v.32, p.1-25, dez, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo:Parábola, 2008.

_____, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais:** Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.

RIBEIRO, V. M. (org.) **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003.

ROJO, R. (Org.) **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas.** São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

_____. **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** São Paulo: EDUC/Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Ler o mundo.** São Paulo: Global, 2011.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Genres et progression em expression orale et écrite: elements de réflexions à propôs d'une expérience romande.** Emjeux, 1996, in: GOMES, Alexandro Teixeira. **Educação, letramento e práticas sociais.** Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 09 - n.16 – 1º Semestre de 2013 - ISSN 1807-5193.

SCHMIDT, S. J. **Linguística e teoria do texto**: os problemas de uma linguística voltada para a comunicação. São Paulo: Pioneira, 1978.

SILVA, Jane Q. Gênero Discursivo e Tipo Textual. In: **Revista SCRIPTA**. Belo Horizonte, v.2, n.4, p.87- 106, 1o. semestre de 1999.

SOARES. Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 2ª edição. São Paulo. Contexto, 2004.

_____. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em 16 de novembro de 2009.

_____. **O que é letramento?** 2003. Disponível em: <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf> Acesso em 16 de novembro de 2021.

STREET, B. V. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e Prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, I. (org.) **Discursos e Práticas de Letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

